



Alberto Manguel



UMA
HISTÓRIA
DA CURIOSIDADE

TRADUÇÃO DE
RITA ALMEIDA SIMÕES

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X V

*Para a Amelia, que, à semelhança do Filho do
Elefante, tem uma curiosidade insaciável.
Com todo o meu amor.*

© 2015, Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: Curiosity

© Alberto Manguel
c/o Schavelzon Graham Agencia Literaria, S.L.
www.schavelzon.com

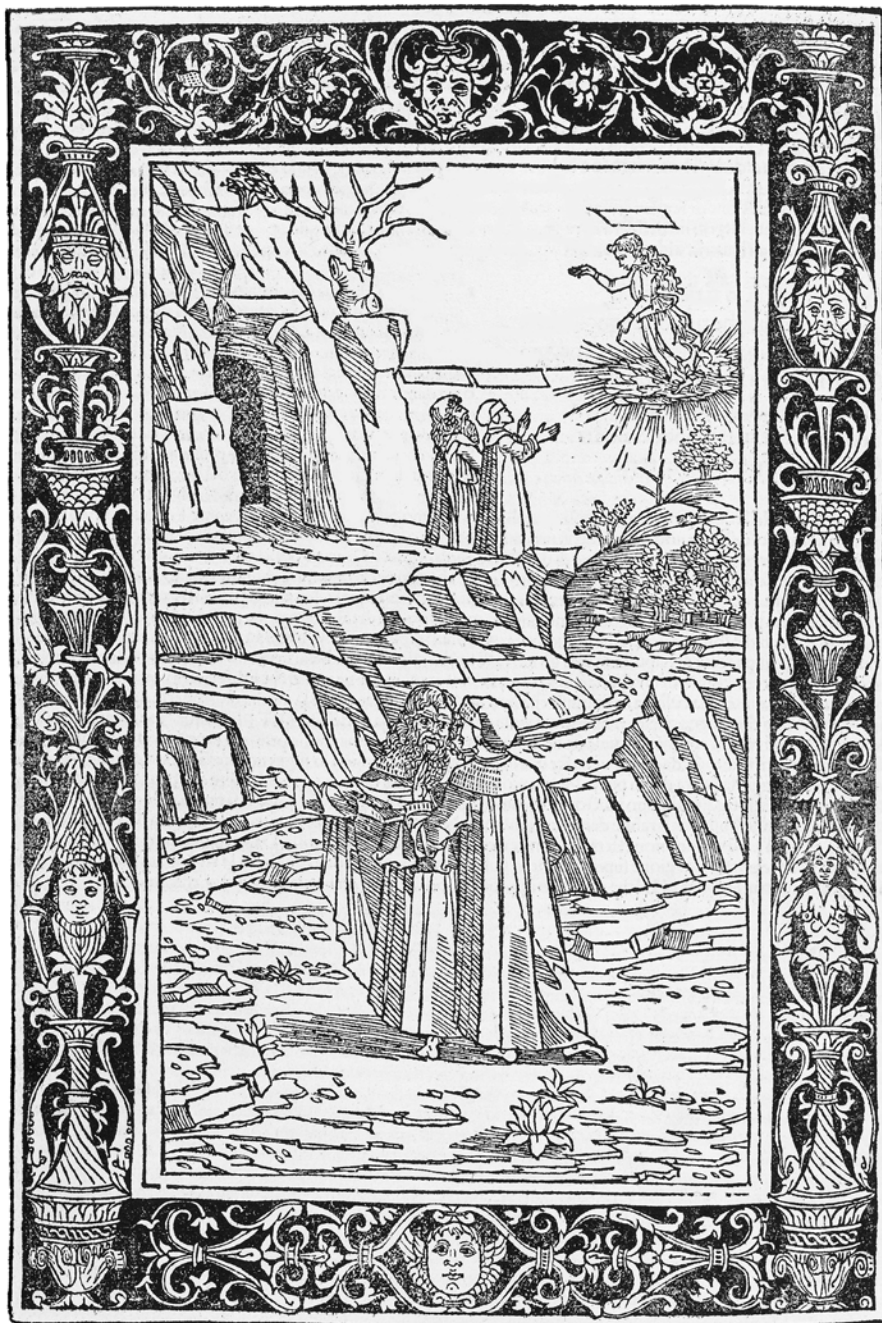
Título: Uma História da Curiosidade
Autor: Alberto Manguel
Tradução: Rita Almeida Simões
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Setembro de 2015

ISBN 978-989-671-272-3
Depósito Legal n.º 397497/15

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
O que é a curiosidade?	19
O que queremos saber?	41
Como raciocinamos?	61
Como vemos o que pensamos?	79
Como questionamos?	97
O que é a linguagem?	121
Quem sou eu?	141
O que fazemos aqui?	161
Onde é o nosso lugar?	181
O que nos distingue?	199
O que é um animal?	219
Que conseqüências têm as nossas acções?	239
O que podemos possuir?	257
Como podemos dar ordem às coisas?	275
O que vem a seguir?	295
Porque é que as coisas acontecem?	317
O que é verdadeiro?	333
NOTAS	353
AGRADECIMENTOS	389
ÍNDICE REMISSIVO	391



INTRODUÇÃO

No leito de morte, Gertrude Stein ergueu a cabeça e perguntou: «Qual é a resposta?» Como ninguém falou, ela sorriu e disse: «Nesse caso, qual é a pergunta?»

DONALD SUTHERLAND, *Gertrude Stein: A Biography of Her Work*



Sou curioso *acerca* da curiosidade. Uma das primeiras palavras que aprendemos em criança é *porquê*. Em parte porque queremos saber mais acerca do mundo misterioso em que involuntariamente entrámos, em parte porque queremos compreender como é que funcionam as coisas nesse mundo, e em parte porque sentimos uma necessidade ancestral de nos relacionarmos com os outros habitantes desse mundo, após os nossos primeiros balbucios e arrulhos, começamos a perguntar «porquê?»¹. E nunca mais paramos. Não tardamos a descobrir que a curiosidade raramente é recompensada com respostas significativas ou satisfatórias, mas antes com o desejo redobrado de fazer mais perguntas e o prazer de conversar com outras pessoas. Como qualquer inquisidor bem sabe, as afirmações tendem a

(Na página anterior) Virgílio explica a Dante que Beatriz o enviou para mostrar a Dante o caminho correcto. Xilogravura ilustrativa do Canto II do Inferno, impresso em 1487 com comentários de Cristoforo Landino. (Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Universidade de Yale)

isolar; as perguntas, a unir. A curiosidade é um meio de declarar a nossa pertença à espécie humana.

Talvez toda a curiosidade possa ser resumida na famosa pergunta de Michel de Montaigne, «*Que sais-je?*», «Que sei eu?», que aparece no segundo livro dos *Ensaíos*. Referindo-se a filósofos cépticos, Montaigne observa que estes eram incapazes de expressar as suas ideias gerais em qualquer forma de discurso, porque, segundo ele, «necessitariam de uma nova língua». «A nossa língua», escreve Montaigne, «é toda formada por proposições afirmativas que lhes são inteiramente hostis.» E acrescenta: «Esta fantasia é mais bem concebida por via da pergunta ‘Que sei eu?’, a qual tenho como divisa.» A fonte da pergunta é, evidentemente, o «Conhece-te a ti mesmo» socrático, mas em Montaigne torna-se não uma afirmação existencialista da necessidade de sabermos quem somos, mas antes um estado contínuo de questionamento do território pelo qual a nossa mente avança (ou já avançou) e da terra desconhecida que nos espera. No domínio do pensamento de Montaigne, as proposições afirmativas da linguagem viram-se sobre si mesmas e tornam-se perguntas².

A minha amizade com Montaigne data da adolescência, e os *Ensaíos* têm sido, desde então, uma espécie de autobiografia para mim, uma vez que continuo a encontrar nos comentários dele as minhas próprias preocupações e experiências, traduzidas numa prosa brilhante. Pelo questionamento de assuntos corriqueiros (os deveres da amizade, os limites da educação, os prazeres do campo) e pela exploração de assuntos extraordinários (a natureza dos canibais, a identidade de seres monstruosos, a utilização dos polegares), Montaigne traça o mapa da minha própria curiosidade, constituído em diferentes alturas e em vários lugares. «Os livros foram-me menos úteis», confessa ele, «como instrução do que como exercício³.» Esse tem sido precisamente o meu caso.

Reflectindo acerca dos hábitos de leitura de Montaigne, por exemplo, ocorreu-me que poderão fazer-se algumas observações ao seu «*Que sais-je?*», seguindo o método do próprio Montaigne de pedir emprestadas ideias da biblioteca dele (Montaigne comparava-se, enquanto leitor, a uma abelha que recolhe pólen para fabricar mel) e projectando-as no meu próprio tempo⁴.

Como Montaigne teria de bom grado admitido, a sua análise daquilo que sabemos não era um empreendimento novo no século XVI: questionar o acto de questionar tinha raízes muito mais antigas. «Donde

vem, pois, a sabedoria?», pergunta Job na sua aflição, «e qual é o lugar da inteligência?» Alargando o âmbito da pergunta de Job, Montaigne observou que «o juízo é uma ferramenta para se utilizar em todos os assuntos e que tudo permeia. Por isso, nos ensaios que aqui faço dele, o emprego em toda a espécie de ocasião. Se se trata de um assunto que não entendo de todo, mesmo nesse ensaio o meu juízo, sondando o vau de bem longe; e, depois, em o achando demasiado profundo para a minha altura, fico-me pela margem⁵. Este modesto método parece-me maravilhosamente tranquilizador.

Segundo a teoria de Darwin, a imaginação humana é um instrumento de sobrevivência. Para melhor compreender o mundo e, por conseguinte, estar mais preparado para lidar com as suas rasteiras e seus perigos, o *Homo sapiens* desenvolveu a capacidade de reconstruir a realidade exterior na mente e de conceber situações com que pudesse confrontar-se antes de elas realmente se lhe depararem⁶. Conscientes de nós mesmos e do mundo à nossa volta, somos capazes de construir cartografias mentais desses territórios e explorá-los num número infinito de maneiras, e depois escolher a melhor e mais eficaz. Montaigne teria concordado: imaginamos para existir, e somos curiosos para satisfazer o nosso desejo imaginativo.

A imaginação, enquanto actividade criativa essencial, desenvolve-se com a prática; não por meio de êxitos, que são conclusões e, portanto, becos sem saída, mas por meio de fracassos, por meio de tentativas que se mostram erradas e exigem novas tentativas que, também elas, se os astros forem bondosos, conduzirão a novos fracassos. A história da arte e da literatura, como a da filosofia e da ciência, é a história desses fracassos iluminados. «Falhar. Tentar outra vez. Falhar melhor», foi o resumo de Beckett⁷.

Contudo, para falhar melhor, temos de ser capazes de reconhecer, imaginativamente, os erros e as incongruências. Temos de ser capazes de perceber que tal e tal caminho não nos conduzem na direcção ambicionada, ou que tal e tal combinação de palavras, cores ou números não se aproxima da visão intuída na nossa mente. Recordamos com orgulho os momentos em que os nossos inspirados Arquimedes gritam «Eureka!» no banho; somos menos propensos a recordar os muitos mais momentos em que eles, como o pintor Frenhofer da história de Balzac, olham para a sua obra-prima desconhecida e dizem: «Nada, nada!... Não terei

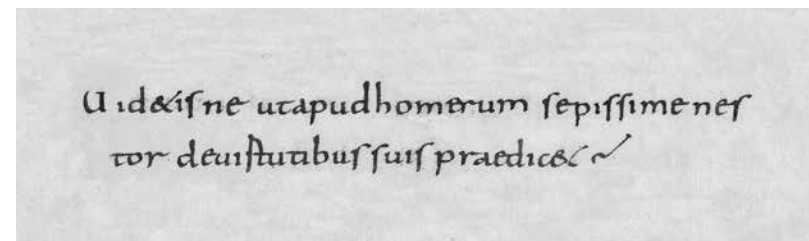
produzido nada!»⁸ Através desses poucos momentos de triunfo e desses muitos mais momentos de derrota, perpassa a grande pergunta da imaginação: Porquê?

Os sistemas educativos actuais recusam-se amplamente a reconhecer a segunda metade da nossa busca. Interessados em pouco mais do que a eficácia material e o proveito financeiro, as nossas instituições educativas já não fomentam o pensamento em si mesmo e o livre exercício da imaginação. As escolas e os colégios tornaram-se campos de treino para mão-de-obra qualificada, em vez de fóruns de questionamento e discussão, e as faculdades e universidades já não são viveiros para os indagadores a que Francis Bacon chamou, no século XVI, «mercadores de luz»⁹. Ensinamo-nos a perguntar «quanto custa?» e «quanto tempo demora?», em vez de «porquê?».

«Porquê?» (nas suas muitas variações) é uma pergunta assaz mais importante na sua formulação do que na expectativa de uma resposta. O próprio facto de a colocarmos abre inúmeras possibilidades, pode acabar com preconceitos, resumir infindáveis dúvidas profícuas. Pode desencadear respostas hesitantes, mas, se a pergunta for suficientemente poderosa, nenhuma dessas respostas se revelará suficiente. «Porquê?», como as crianças intuem, é uma pergunta que situa sempre e implicitamente o nosso objectivo para além do horizonte¹⁰.

A representação visível da curiosidade — o ponto de interrogação que se apõe a uma interrogação escrita na maioria das línguas ocidentais, curvado sobre si mesmo, contra o orgulho dogmático — chegou tarde à nossa História. Na Europa, a pontuação convencional só foi estabelecida no final do Renascimento, quando, em 1566, o neto do grande impressor veneziano Aldo Manúcio publicou um manual de pontuação para tipógrafos, o *Interpungendi ratio*. Entre os símbolos concebidos para concluir um parágrafo, o manual incluía o *punctus interrogativus* medieval, e Manúcio, o Jovem, definiu-o como marca para assinalar uma pergunta que requeria, convencionalmente, uma resposta. Um dos primeiros exemplos desses pontos de interrogação encontra-se numa cópia do século IX de um texto de Cícero, agora na Biblioteca Nacional de Paris; parece uma escada que sobe para a direita, numa diagonal serpenteante de um ponto, em baixo, à esquerda. Perguntar eleva-nos¹¹.

No decurso das nossas várias histórias, a pergunta «porquê?» apareceu sob muitos disfarces e em contextos largamente diferentes. O nú-



Exemplo do punctus interrogativus num manuscrito do século IX, no Cato maior de senectute, de Cícero. (Paris, Biblioteca Nacional, MS lat. 6332, fól. 81)

mero de perguntas possíveis pode parecer demasiado vasto para ser individualmente considerado com profundidade, e demasiado variado para agrupar de modo coerente; ainda assim, houve tentativas de reunir algumas, segundo variados critérios. Em 2010, por exemplo, os editores do *Guardian* de Londres convidaram cientistas e filósofos a criar uma lista de dez perguntas a que «a ciência tem de responder» (o «tem de» é demasiado assertivo). As perguntas foram: «O que é a consciência?» «O que aconteceu antes do Big Bang?» «A ciência e a engenharia alguma vez nos devolverão a individualidade?» «Como lidaremos com o crescimento da população mundial?» «Os números primos obedecem a um padrão?» «Podemos fazer com que um modo científico de pensar se aplique a todos os campos?» «Como podemos garantir que a humanidade sobrevive e prospera?» «Alguém consegue explicar convenientemente o significado do espaço infinito?» «Algum dia conseguirei gravar o meu cérebro como gravo um programa de televisão?» «A humanidade pode chegar às estrelas?» Não há nenhuma progressão evidente nestas perguntas, nenhuma hierarquia lógica, nenhum índice claro de que *possam* ser respondidas. Decorrem do nosso desejo de saber, filtrando criativamente o nosso conhecimento adquirido. E, porém, pode entrever-se um certo padrão no seu ziguezaguear. Se seguirmos um caminho necessariamente eclético através de algumas das perguntas suscitadas pela nossa curiosidade, pode surgir uma espécie de cartografia paralela da nossa imaginação. O que queremos saber e o que conseguimos imaginar são os dois lados da mesma página mágica.

Uma das experiências mais comuns na vida da maioria dos leitores é a descoberta, mais tarde ou mais cedo, de um livro que permite, como nenhum outro, explorar o nosso eu e o mundo de uma forma que nos

parece inesgotável, mas, ao mesmo tempo, concentrar a nossa mente nos mais ínfimos pormenores, de um modo íntimo e singular. Para alguns leitores, esse livro será um clássico aclamado, uma obra de Shakespeare ou de Proust, por exemplo; para outros, será um texto menos conhecido ou menos consensual, com que sentem afinidades profundas por razões inexplicáveis ou secretas. No meu caso, esse livro singular foi mudando ao longo da vida: durante muitos anos foi os *Ensaio*s de Montaigne ou a *Alice no País das Maravilhas*, as *Ficções* de Borges, ou o *Dom Quixote*, *As Mil e Uma Noites* ou *A Montanha Mágica*. Actualmente, conforme me aproximo da dita «idade avançada», o livro que me parece tudo abarcar é *A Divina Comédia* de Dante.

Ceguei tarde à *Divina Comédia*, pouco antes de fazer 60 anos, e, desde essa primeira leitura, o livro tornou-se para mim absolutamente pessoal, porém sem horizontes. Descrever a *Divina Comédia* como uma obra sem horizontes pode ser simplesmente uma maneira de declarar uma espécie de assombro supersticioso: a sua profundidade, a sua abrangência, a sua construção intrincada. Mesmo estas palavras ficam aquém da minha experiência constantemente renovada de leitura do texto. Dante dizia que o seu era um poema «em que puseram mão o céu e a terra»¹². Não é uma hipérbole: é a impressão com que os leitores vão ficando já desde a época de Dante. Mas a palavra «construção» implica um mecanismo artificial, um acto dependente de roldanas e engrenagens, que, mesmo quando evidentes (como a invenção de Dante da terça rima, por exemplo, e, conseqüentemente, o uso que fez do número três ao longo da *Divina Comédia*), não fazem senão assinalar uma ponta da complexidade da obra, dificilmente iluminando a sua aparente perfeição. Giovanni Boccaccio comparou a *Divina Comédia* a um pavão cujo corpo está coberto por penas iridescentes e «angélicas» de inúmeros matizes. Jorge Luis Borges comparou-a a uma gravura infinitamente pormenorizada; Giuseppe Mazzotta, a uma enciclopédia universal. A Ossip Mandelstam ocorreu o seguinte: «Se os corredores do Hermitage subitamente enlouquecessem, se os quadros de todas as escolas e de todos os mestres de repente se libertassem dos pregos, se fundissem, mesclassem e enchessem o ar das salas com uivos futurísticos e cores em agitação violenta, o resultado seria algo semelhante à *Divina Comédia* de Dante.» Contudo, nenhuma destas comparações apreende inteiramente a plenitude, a profundidade, o alcance, a música, a imagética caleidos-

cópica, a invenção infinita e a estrutura perfeitamente equilibrada do poema. A poeta russa Olga Sedakova observou que o poema de Dante é «arte que gera arte» e «pensamento que gera pensamento», mas, mais importante, «experiência que gera experiência»¹³.

Numa paródia das correntes artísticas do século xx, desde o *nouveau roman* à arte conceptual, Borges e o seu amigo Adolfo Bioy Casares imaginaram uma forma de crítica que, rendendo-se à impossibilidade de analisar uma obra de arte em toda a sua grandeza, reproduz meramente a obra na sua totalidade¹⁴. Seguindo a mesma lógica, para explicar a *Divina Comédia*, um comentador meticuloso teria de acabar por citar o poema todo. Talvez esse seja o único caminho. É verdade que, quando se nos depara uma passagem espantosamente bonita ou um argumento poético intrincado que não nos tinha atingido forçosamente na leitura anterior, o nosso impulso é não tanto comentá-lo quanto lê-lo em voz alta a um amigo, para partilhar, na medida do possível, a epifania original. Traduzir as palavras noutras experiências: talvez esse seja um dos possíveis significados do que Beatriz diz a Dante, no Céu de Marte: «Volta-te e escuta;/ não é só nos meus olhos paraíso.»¹⁵

Menos ambicioso, menos conhecedor, mais consciente dos meus próprios horizontes, quero oferecer algumas leituras que fiz, alguns comentários baseados em reflexões, observações e traduções da minha própria experiência. A *Divina Comédia* tem uma certa generosidade majestosa que não impede a entrada de quem procure transpor o seu limiar. O que cada leitor lá encontra é outro assunto.

Há um problema essencial com que todos os escritores (e leitores) se confrontam quando abordam um texto. Sabemos que ler é afirmar a nossa crença na linguagem e na sua apreçoada capacidade de comunicar. Sempre que abrimos um livro, acreditamos, apesar de toda a experiência anterior, que dessa vez a essência do texto nos será transmitida. É sempre que chegamos à última página, apesar de tão altas esperanças, sentimo-nos novamente decepcionados. Especialmente quando lemos aquilo a que, à falta de expressão mais precisa, convencionalmente chamamos «grande literatura», a nossa capacidade de abarcar o texto em toda a sua complexidade multifacetada fica aquém dos nossos desejos e expectativas, e somos compelidos a regressar ao texto, na esperança de que dessa feita, quem sabe, alcancemos o nosso propósito. Felizmente para a literatura, felizmente para nós, nunca o alcançamos. As várias gerações de leitores

serão incapazes de esgotar esses livros, e é o próprio fracasso da linguagem em comunicar totalmente que lhes confere uma riqueza ilimitada, à qual acedemos apenas na medida das nossas capacidades individuais. Nunca nenhum leitor alcançou as profundezas do *Mahabbarata* ou da *Oresteia*.

A percepção de que uma tarefa é impossível não impede que nos lancemos a ela, e sempre que abrimos um livro, sempre que viramos uma página, renovamos a esperança de compreender um texto literário, se não na sua totalidade, pelo menos um pouco mais do que na leitura anterior. Foi assim que, ao longo das épocas, criámos um palimpsesto de leituras que restabelecem continuamente a autoridade do livro, sempre sob um disfarce diferente. A *Iliada* dos contemporâneos de Homero não é a nossa *Iliada*, mas inclui-a, como a nossa *Iliada* inclui todas as *Iliadas* vindouras. Neste sentido, a afirmação hassídica de que o Talmude não tem primeira página porque todo o leitor já começou a lê-lo antes de ler as primeiras palavras é válida para qualquer grande livro¹⁶.

A expressão *lectura dantis* foi criada para definir o que se tornou um género específico, a leitura da *Divina Comédia*, e tenho perfeita noção de que, após gerações e gerações de comentários iniciados com o próprio filho de Dante, Pietro, escritos pouco depois da morte do pai, é impossível ser totalmente crítico ou exaustivamente original no que se diz sobre o poema. E, contudo, pode-se justificar esse exercício pela sugestão de que toda a leitura é, ao fim e ao cabo, menos uma reflexão ou tradução do texto original do que um retrato do leitor, uma confissão, um acto de auto-revelação e autodescoberta.

O primeiro destes leitores autobiográficos foi o próprio Dante. No decurso da sua viagem sobrenatural, depois de ouvir que tinha de encontrar um novo caminho de vida ou perder-se para todo o sempre, Dante é tomado por uma curiosidade ardente de saber quem realmente é e o que experiencia ao longo do caminho¹⁷. Do primeiro verso do *Inferno* ao último verso do *Paraíso*, a *Divina Comédia* é marcada pelas perguntas de Dante.

Em todos os ensaios que escreveu, Montaigne só cita Dante duas vezes. Os estudiosos são da opinião de que ele não leu a *Divina Comédia*, mas sabia da sua existência por via de referências em obras de outros escritores. Mesmo que a houvesse lido, é possível que Montaigne não tivesse apreciado a estrutura dogmática que Dante escolheu para conduzir as suas explorações. Não obstante, quando analisa o poder do discurso dos

animais, Montaigne transcreve três versos do Canto XXVI do *Purgatório*, nos quais Dante compara as almas luxuriosas penitentes a «uma fila bruna» de formigas¹⁸. E cita Dante outra vez quando analisa a educação das crianças. «Que [o tutor]», escreve Montaigne, «o faça tudo passar por uma peneira e nada o deixe instalar na cabeça por simples autoridade e a crédito; que os princípios de Aristóteles não sejam para ele mais do que os princípios dos estóicos e dos epicuristas. Que lhe proponha esta diversidade de juízos: se puder, ele escolherá; se não, ficará na dúvida. Só os tolos têm certezas e são decididos.»

Montaigne cita depois a seguinte frase da *Divina Comédia*: «duvidar e saber tanto me agrada», as palavras que Dante dirige a Virgílio, no sexto círculo do Inferno, depois de o poeta latino ter explicado ao seu protegido porque é que os pecados de incontinência são menos ofensivos a Deus do que aqueles que decorrem da nossa vontade. Para Dante, as palavras expressam o prazer sentido no momento expectante que precede a aquisição de conhecimento; para Montaigne, descrevem um estado constante de rica incerteza, de ter consciência de várias perspectivas contrárias mas não adoptar nenhuma senão a nossa. O questionamento é, para ambos, tão ou mais recompensador do que o conhecimento¹⁹.

Será possível, enquanto ateu, ler Dante, ou Montaigne, sem acreditar no Deus que eles adoravam? Será presunçoso presumir uma compreensão considerável da obra de ambos sem a fé que os ajudou a suportar o sofrimento, a perplexidade, a angústia (e também a alegria) que compõem todo o ser humano? Será hipócrita estudar as estruturas estritamente teológicas e as subtilezas dos dogmas religiosos sem convicção quanto às premissas em que eles se baseiam? Enquanto leitor, reivindico o direito de acreditar no significado de uma história para lá dos pormenores da narrativa, sem jurar a existência de uma fada madrinha ou de um lobo mau. Não é por não terem sido pessoas reais que eu acredito menos nas verdades da Cinderela e do Capuchinho Vermelho. O deus que passeia «pela brisa da tarde» e o deus que, em agonia na cruz, prometeu o Paraíso a um ladrão iluminam-me de maneiras que nada senão a grande literatura consegue fazer. Sem histórias, as religiões seriam meras pregações. São as histórias que nos convencem.

A arte de ler é, em muitas maneiras, contrária à arte de escrever. Ler é um ofício que enriquece o texto concebido pelo autor, aprofundando-o e tornando-o mais complexo, concentrando-o para que reflecta a

experiência pessoal do leitor e expandindo-o para que alcance os mais longínquos confins do universo do leitor e mais além. Escrever, ao invés, é a arte da resignação. O escritor tem de aceitar o facto de que o texto final não será mais do que um reflexo turvo da obra que concebera na mente, menos iluminado, menos subtil, menos pungente, menos preciso. A imaginação de um escritor é todo-poderosa e capaz de sonhar as criações mais extraordinárias em toda a sua desejada perfeição. Depois, vem a descida à linguagem e, na passagem do pensamento à expressão, muito — muitíssimo — se perde. Quase não há excepções a esta regra. Escrever um livro é resignarmo-nos a falhar, por muito honroso que seja esse falhanço.

Consciente da minha arrogância, ocorreu-me que, seguindo o exemplo de Dante — sempre acompanhado de um guia nas suas viagens: Virgílio, Estácio, Beatriz, São Bernardo —, eu poderia ter o próprio Dante a guiar-me na minha viagem, permitindo que as perguntas dele me ajudem a manobrar o leme. Embora Dante tenha admoestado todos quantos, em barcas, tentassem seguir-lhe as pegadas, e aconselhado que regressassem às margens de onde vinham por medo de se perderem²⁰, confio que ele não se importará de auxiliar um viajante cheio de tantas adoradas dúvidas.



I O QUE É A CURIOSIDADE?

Tudo começa com uma viagem. Certo dia, tinha eu oito ou nove anos, em Buenos Aires, perdi-me no caminho de regresso da escola. A escola, uma de muitas que frequentei na infância, ficava perto de nossa casa, no bairro arborizado de Belgrano. Já naquela altura eu me distraía com facilidade e todo o tipo de coisas me chamavam a atenção no caminho de volta, que percorria a pé com aquele meu avental branco engomado que todos os miúdos eram obrigados a usar: a mercearia da esquina, que antes da era dos supermercados dispunha grandes barris de azeitonas salgadas, cones de açúcar embrulhados em papel azul-claro e latas azuis de biscoitos Canale; a papelaria, com blocos de notas patrióticos mostrando o resto dos heróis nacionais e de prateleiras preenchidas pelas capas amarelas da colecção infantil «Robin dos Bosques»; uma porta alta e estreita com vitrais coloridos, às vezes aberta para um pátio sombrio onde um manequim de alfaia-te definhava misteriosamente; o vendedor de doces, um homem gordo que, sentado numa esquina em cima de um banquinho, segurava os seus artigos caleidoscópicos como uma lança. Eu costumava fazer sempre o mesmo percurso, contando os pontos de referência conforme passava por eles, mas naquele dia resolvi mudar de caminho. Passados uns quarteirões, apercebi-me de que não sabia onde estava. Como tinha vergonha de pedir indicações, deambulei, mais espantado do que assustado, durante um bom bocado, ou assim me pareceu.

Não sei porque fiz o que fiz, mas sei que queria experimentar um caminho diferente, seguir quaisquer pistas que se me pudessem deparar de mistérios ainda escondidos, como nas histórias de Sherlock Holmes, que descobrira pouco tempo antes. Queria descortinar a história secreta



do médico com a bengala velhinha, mostrar que as pequenas pegadas na lama tinham sido feitas por um homem que fugia da morte certa, pensar na razão por que alguém usava uma barba negra bem aparada que era, sem dúvida alguma, falsa. «O mundo está cheio de coisas óbvias que nunca ninguém observa», disse o mestre.

Lembro-me de me dar conta, com uma sensação de agradável ansiedade, de que me estava a envolver numa aventura como as que ocupavam as minhas estantes e, contudo, sentir uma ponta do mesmo *suspense*, o mesmo desejo intenso de descobrir o que me esperava, sem ser capaz de (ou sem querer) prever o que podia acontecer. Era como se tivesse entrado num livro e estivesse prestes a chegar às ansiadas páginas finais. O que procurava eu ao certo? Talvez esta ocasião tenha sido a primeira em que concebi o futuro como lugar que reunia as pontas de todas as histórias possíveis.

Contudo, nada aconteceu. Acabei por virar uma esquina e dar por mim em território conhecido. Quando finalmente vi a minha casa, senti-me uma decepção.



(Na página anterior) Dante e Virgílio com os semeadores da discórdia. Xilogravura ilustrativa do Canto XXVIII do Inferno, impresso em 1487 com comentários de Cristoforo Landino. (Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Universidade de Yale)

AGRADECIMENTOS

Para escrever este livro, consultei muitas edições e comentários da *Divina Comédia* de Dante. A melhor edição italiana é, em minha opinião, a de Anna Maria Chiavacci Leonardi, publicada pela Mondadori em 1994. Em inglês, a versão que, a meu ver, mais se aproxima da musicalidade e do poder da original é a de W.S. Merwin, que, infelizmente, só traduziu o *Purgatório* e dois cantos do *Inferno*, porque, disse, não gostava de São Bernardo e não desejava sofrer na sua companhia durante grande parte do *Paraíso*. Além de Dante, *duca, signore e maestro*, dei-me conta de que vários outros escritores me guiaram por estas páginas: Platão, Agostinho, Aquino, Montaigne, Hume e os autores secretos do Talmude parecem mais presentes neste livro do que em todas as minhas outras obras, presididas pelas deidades Lewis Carroll, Flaubert, Cervantes e Borges.

Vários dos meus editores me ajudaram com comentários e correções. Entre eles, Hans-Jürgen Balmes, Valeria Ciompi, John Donatich, Luiz Schwarcz e Marie-Catherine Vacher: a todos o meu profundo obrigado. Também agradeço a Fabio Muzi Falconi, Françoise Nyssen, Guillermo Quijas, Arturo Ramoneda, Javier Setó e Güven Turan, pela confiança num livro que, durante muitíssimo tempo, consistiu simplesmente de um título com uma palavra. E a Lise Bergevin, pela constância, a amizade e a generosidade.

O meu profundo obrigado a Sonia Shannon, *designer* do livro, a Danielle D'Orlando, investigadora de imagens, a Alexa Selph, indexadora, a Jack Borrebach, revisor de texto, e a Susan Laity e seus olhos de lince, cuja meticulosa leitura me apontou os meus *errori falsi*.

Dedico a minha mais profunda gratidão, como sempre, ao meu velho

amigo e agente Guillermo Schavelzon, já desde os tempos em que as nossas conversas não andavam à roda de doenças.

E também a Bárbara Graham, por todos os esforços que fez em meu benefício. Vários outros amigos me ajudaram com apoio e informações: professor Shaul Bassi, professora Lina Bolzoni, padre Lucien-Jean Bord, professores Jose e Lucio Burucua, professor Ethel Groffier, professor Tariq S. Khawaji, Piero Lo Strologo, Dr. José Luis Moure, Lucie Pabel, Gottwalt Pankow, Ileene Smith (com quem o projecto foi discutido em primeiro lugar e que me encorajou a continuar), Dr. Jillian Tomm, Dr. Khalid S. Yahya e Marta Zocchi.

Fui enormemente ajudado por alguns bibliotecários muitíssimo eficientes, especialmente Donatino Domini, director da Biblioteca Classense em Ravena; Patricia Jaunet, das Bibliothèques Départementales de la Vienne; Arthur Kiron, director das Jewish Institute Collections da Universidade da Pensilvânia; e Guy Penman, Amanda Corp e Emma Wigham da London Library. Todos eles justificam a definição que, segundo Diodoro Sículo, estava inscrita por cima da porta das antigas bibliotecas egípcias: «Clínica da Alma.» Também agradeço a C. Jay Irwin pela ajuda que me deu nas primeiras fases do projecto.

Algumas páginas deste livro foram publicadas, em diversas primeiras versões, na *Descant*, na *Geist*, no *New York Times*, na *Parnassus*, no *La Repubblica*, na *Threepenny Review* e na *Théodore Balmoral*. Muito agradeço a Thierry Bouchard, Kyle Jarrard, Herbert Leibowitz, Wendy Lesser, Karen Mulhallen, Stephen Osborne e Dario Pappalardo.

Dante acreditava que, durante a nossa viagem pela vida, se a graça o permitir, encontraremos uma alma companheira que nos ajudará, pelo caminho que fica para lá da selva escura, a reflectir sobre as nossas próprias perguntas e a descobrir o que quer que seja o nosso destino; acima de tudo, uma alma cujo amor nos mantenha vivos. Ao Craig, *dolce guida e cara*, como sempre.

Alberto Manguel

Mondion, 5 de Maio de 2014



ÍNDICE REMISSIVO

- ABELARDO, Pedro: 326
 Abравanel, Isaac: 107-11, 113-4
 Abulafia, Abraão: 103-5, 108, 111, 119
Actos dos Apóstolos, Os: 325
 Adão: 39, 48, 50-2, 81, 94, 100-2, 105, 131, 147, 237, 246, 273, 341
 África do Sul: 345
 Aggadah: 306
 Agostinho, Santo: 33, 51, 84, 170, 185, 206, 232, 266, 310, 341
 Alberti, Leon Battista: 229, 377
 al-Bīrūnī, Ahmad: 196, 397
 Alcídamas: 73
Alcorão: 47, 307, 359, 383
 Alembert, Jean Le Rond d': 37
 Alexandre IV, papa: 245
 Alexandria: 50, 107, 118, 288
 Alexandria, Biblioteca de: 288
 Alexandria, Filon de: 50, 107
Alice no País das Maravilhas: 14, 153-4
 Alighieri, Pietro (filho de Dante): 147
 al-Ma'arri: 308
 Al-Rashid, Haroun: 80
 Ambrósio, Santo: 234, 266
 Anastácio, papa: 279
 Andersen, Hendrik: 292
 Anjou, Carlos de: 244, 248
 Anteu: 130-1
 Antonieta, Maria: 216
 Apocalipse: 30, 304, 306, 309-11, 340
Apocalipse de Paulo: 30
Apocalipse de Pedro: 30
Apolo e Mársias (M. Meier): 127
 Aquino, São Tomás de: 31-4, 36, 100, 134, 188-9, 232, 263-4, 348
 Argenti, Filippo: 188
 Argentina: 161, 239, 259, 260, 317
 Ariès, Philippe: 312
 Aristófanos: 150
 Aristóteles: 17, 32-4, 57, 67, 68, 100, 104, 107, 122, 174-9, 190, 269, 280, 326, 340
 Ashmolean, Museu: 282, 286
 Asín Palacios, Miguel: 308
 Atenas: 70, 73, 206, 207
 Atwood, Margaret: 203
 Auden, W.H.: 98-9
 Augusto, imperador: 174, 226
 Auschwitz: 317, 319, 322-25, 327, 330
 BABEL, Torre de: 58, 100-1, 272
 Bacon, Francis: 12, 100, 287
 Bacon, Roger: 249
 Barbari, Jacopo de': 115-6
 Barberino, Francesco da: 89
 Barrows, Anita: 177, 371
 Basílio, São: 263

Bassani, Giorgio: 315, 385
 Beard, Mary: 206, 375
 Beatriz (*Divina Comédia*): 9, 15, 18, 24, 29, 31, 35, 65-6, 82, 130, 146, 148-9, 160, 186, 197, 201, 207, 210, 228-9, 231-2, 236, 246, 263, 303, 325-6, 348-9
 Beaumarchais, Pierre Augustin Caron de: 214
 Beauvais, Pierre de: 230
 Beauvoir, Simone de: 207
 Beckett, Samuel: 11, 167
 Bellay, Joachim du: 51
 Bello, Geri del: 38
Bem Está o Que Bem Acaba (W. Shakespeare): 149
 Benevento, Batalha de: 244, 248
 Bento XI, papa: 27
 Berlin, Isaiah: 36, 358
 Bezzuoli, Giuseppe: 248
 Bhagavad Gita: 253
 Bhartrihari: 134, 135, 136, 137, 138, 139
Biblioteca de Babel (J.L. Borges): 137
 Boaventura, São: 66, 117
 Boccaccio, Giovanni: 14, 24, 26, 28, 39, 188, 226, 349
 Boécio: 26, 31, 300
 Bomberg, Daniel: 112-5
 Bonaiuto, Andrea di: 233
 Bonifácio VIII, papa: 27
 Borges, Jorge Luis: 14, 103, 137, 294
 Born, Bertran de: 38, 124
 Bosque dos Suicidas: 163, 167, 168, 173
 Bragadin, Pietro: 112
 Breslau, rabino Nachman de: 54, 185
 Bringhurst, Robert: 94
 Brod, Max: 133, 195
 Brodsky, Joseph: 98
 Browning, Elizabeth Barrett: 219
 Brueghel, o Velho, Pedro: 272
 Bruni, Leonardo: 261
 Buber, Martin: 328
 Buchan, James: 258
 buda: 277, 305
 Burroughs, Edgar Rice: 186
 Byron (Lord), George Gordon: 245, 251
 CABALA: 103-4
 Cacciaguida: 82, 227-9
 Caedmon: 154
 Cage, John: 86
 Calígula, imperador: 300
 Calvino, Italo: 138
 Cam (filho de Noé): 131
 Camus, Albert: 219
 Caravaggio: 271
 Carlos III, rei: 90
 Carlos Magno: 226
 Carnegie, Andrew: 293
 Carroll, Lewis: 153, 154, 160, 295
 Carson, Rachel: 175-6
 Carta aos Gálatas (São Paulo): 341
 Carta Apologética (Sansevero): 92-4
 Carvajal, Luis de: 68
 Casares, Adolfo Bioy: 15
 Casella: 331-2
 Castelvetro, Ludovico: 55
 Catão: 141, 174, 331
 Cavafy, Constantin: 98
Celestina, A (F. Rojas): 61, 63-4, 67, 223, 312
 Champollion, Jean-François: 93
 Chandra Gupta II: 136
 Chartier, Roger: 23
 Chaumette, Pierre-Gaspard: 213
 Chesterton, G.K.: 86, 116
 Chiaromonte, Nicola: 194
 China: 87, 119, 135, 196, 249
 Cícero: 12, 13, 30, 36, 137, 163, 233, 314, 326
 Cieza de Leon, Pedro: 95
 Claraval, São Bernardo de: 18, 24, 31, 34, 228, 314
 Clemente V, papa: 224
 Coleridge, Samuel Taylor: 154

Collodi, Carlo: 348
Colônia Penal, A (F. Kafka): 330
 Columela: 174
Comentarios reales (Inca Garcilaso): 89, 93
 Comissão para a Verdade e Reconciliação (África do Sul): 345
 Condorcet, marquês de: 213
 Conegliano, Cima de: 106, 107, 118, 119
Congresso, O (J.L. Borges): 294
 Constança (de *A Divina Comédia*): 209-10, 244, 255
 Constantino, imperador: 246, 310
Convívio (Dante): 25, 31, 228, 269
 Copérnico: 193
 Corbusier, Charles-Édouard-Jeanneret Le: 293
Corpus Inscriptionum Latinarum: 315
 Cortejarena, Domingo Jaca: 161
 Cousin, o Velho, Jean: 52
 Covarrubias, Sebastián de: 23-4
 Cranach, o Velho, Lucas: 295, 299
 Crátilo (Platão): 147-8
 Crisóstomo, Dião: 57
 Cristo: 39, 48, 86-7, 101, 188, 207, 210, 234, 237, 244-6, 270-1, 285, 306-7, 326, 342
 Curiosity (sonda exploratória): 59
 Cusi, Meshullam: 112
 DAMIÃO, SÃO PEDRO: 30
 Declaração dos Direitos da Mulher: 216
 Declaração dos Direitos do Homem: 211, 216
 Deleuze, Gilles: 70
 Delfos: 73, 196, 205, 206
Deuteronomio: 108, 110, 112
De vulgari eloquentia (Dante): 79, 100-1, 139, 170, 323
 Dewey, Melvin: 289-90
 Dexter, Timothy: 301
 Dickens, Charles: 219, 267, 271
 Diderot, Denis: 37
 Diocleciano, imperador: 309
 Diomedes: 45, 48, 320, 327-9, 337
Divina Comédia, A (Dante): 14-7, 24, 26, 28-31, 35, 38, 45-8, 56, 80, 82-3, 100-1, 110, 146-8, 154, 160, 167-8, 172, 179, 186, 190-1, 197, 208-10, 225-6, 228, 234-7, 243, 250, 264, 267, 270, 279, 282-6, 304, 306, 308, 316, 320, 326, 337, 339, 340, 344, 348-9
 Dodgson, Charles Lutwidge (ver Lewis Carroll): 153
 Domingos, São: 148, 232, 234
 Dom Quixote (Cervantes): 14, 61, 123, 151, 217
 Donati, Corso: 27, 209
 Donati, Forese: 209
 Dostoiévski, Fiódor: 195
 Doyle, Arthur Conan: 23
 Duckworth, Robinson: 153, 154, 155
 Du côté de chez Swann (M. Proust): 250
 Dürer, Albrecht: 192
 Durrell, Lawrence: 355
 Dürrenmatt, Friedrich: 243
 ECO, UMBERTO: 105, 364
Édipo em Colono (Sófocles): 205
 Egípto, Macário do: 267
 Einstein, Albert: 243
Encyclopédie (Diderot e d'Alembert): 37, 289
Encyclopédie Larousse: 289
Eneida (Virgílio): 26, 30, 39, 46, 97, 104-5, 169, 326, 340, 344
 Éolo: 59
 Epicteto: 57
Epístola do Perdão (al-Ma'arri): 308
 Erasmo: 68, 76
 Espinosa, Bento: 109
 Estácio: 18, 104-5, 146, 261, 264
 Este, Isabella d': 287
Estrangeiro, O (Camus): 219
Ética a Nicômaco (Aristóteles): 280
 Eva: 51-3, 58, 81, 131, 341, 343

Evangelhos: 30, 57, 81, 210, 269, 326
 Êxodo, Livro do: 108
 Ezequiel: 108, 110, 309, 340, 379

FAULKNER, BARRY: 109
 Fernando, rei: 110
 Ficino, Marsílio: 191, 288
 Filipe VI, rei: 257
 Filóstrato: 71-2, 361
 Flaubert, Gustave: 289, 350
 Florença: 24, 27, 28-9, 82, 98, 187-88, 191-3, 226-9, 231-2, 234, 266, 287, 326
 FMI (Fundo Monetário Internacional): 259, 260
 Földényi, László: 195, 196
Folhas de Erva (W. Whitman): 279
 France, Marie de: 234, 378
 Francesca (*A Divina Comédia*): 170, 189, 208-9, 227
 Freccero, John: 246, 340, 348-9
 Frederico II, imperador: 129, 169, 244
 Freud, Sigmund: 152
 Frost, Robert: 98
 Frye, Northrop: 183
 Fucci, Vanni: 227

GALILEI, GALILEU: 192, 193, 280
 Garcilaso de la Vega, Inca: 88, 90
 Gaza, Nathan de: 337
 Génesis: 50-1, 126, 132, 147, 309
 Gigli, Ottavio: 193
 Gilgamesh, rei: 87, 186
 Giorgi, Domenico: 94
 Giustiniani, Marco: 112
 Goethe, Johan Wolfgang von: 41, 152, 182
 Gordimer, Nadine: 346
 Gouges, Olympe de: 213-7
 Gracos, irmãos: 174
 Graffigny, Françoise de: 92
 Graham, Billy: 310
 Grécia antiga: 174, 205

Grimm: 79-80, 298
 Groves, Leslie: 253
 Guerri, Domenico: 127, 128
 Guignefort, São: 230
 Guillotin, Joseph-Ignace: 240
 Gupta, dinastia: 136
 Gupta, Jumara: 136
 Guthrie, W.K.C.: 71

HAMLET (SHAKESPEARE): 53, 150, 157, 369
 Harpias: 168, 172
 Hebreu, Leão: 88, 108
 Hegel, Georg Wilhelm Friedrich: 70, 194-5
 Heidegger, Martin: 67
 Henrique VII, imperador: 29, 226
 Henrique VI, sacro imperador romano: 209
 Heráclito: 57
 Hermes: 51, 74
 Hermógenes: 147
 Hernández, José: 161, 163, 164
 Heródoto: 129
 Hesíodo: 51
 Hevelius, Johannes: 225
 Hípias: 57, 70-6
 Hircano, rabino Eliezer ben: 108
 Hiroxima: 240, 253-4
 Hitler, Adolf: 293, 313
 Homero: 16, 24, 30, 46, 47, 49, 59-60, 67, 74, 146, 324, 326, 328
 Horácio: 300, 330
House of Pomegranates, A (O. Wilde): 274
 Hu, Georgine: 257-8
 Hume, David: 35-7, 40, 344-5, 348, 358, 388, 395
 Huraryra, Abu: 307, 383

IBN 'ARABI: 383
 Ibn Khaldun: 47, 359
 Ikhwan al-Safa: 308, 384
Iliada (Homero): 16, 24, 49, 205, 327

Importância de Ser Ernesto, A (O. Wilde): 50
 Iorque, Alcuino de: 34
 Ireneu, Santo: 52, 309
 Isherwood, Christopher: 313, 384
 Isidoro de Sevilha: 230, 326
 I-Tsing: 135

JAMES, HENRY: 186, 292
 Japão: 253, 304
Jardim dos Finzi-Contini, O (G. Bassani): 315
 Jasão (capitão dos Argonautas): 53
 Jaucourt, Chevalier de: 37
 Jaynes, Julian: 85-6
 Jeremias: 110, 261
 Jerónimo, São: 106, 148, 310, 326, 342
 João Baptista, São: 106
 João Evangelista, São: 106
 João, São: 102, 106, 122, 310
 Job: 11, 189
 Johnson, Samuel: 371
 Joyce, James: 46-7
 Judá, o Príncipe, rabino: 103
Júlio César (W. Shakespeare): 170
 Jung, Carl Gustav: 151-2, 159

KADARÉ, ISMAIL: 152, 227
 Kafka, Franz: 26, 133-4, 156, 195, 330
 Kalidasa: 136
 Kant, Immanuel: 194
 Kanzi (bonobo): 133
 Keats, John: 26, 150
 Kenny, Andrew: 240
 Keynes, John Maynard: 268
 Kipling, Rudyard: 80, 186
 Knox, John: 310
 Kommareck, Nicolas: 90
 Krugman, Paul: 268

LACAN, JACQUES: 150
 La Fontaine, Henri: 289
 Landino, Cristoforo: 9, 21, 43, 63, 79, 97, 121, 141, 163, 181, 191, 201, 221, 239, 257, 277, 297, 319, 335, 351
 La Rochelle, Drieu: 163
 Latini, Brunetto: 228, 230, 245, 259
 Lattes, Bonet de: 111
 Leão de São Marcos: 106, 107, 119
 Leão X, papa: 113
 Lear, Linda: 175
Legenda Aurea (J. de Voragine): 30
 Lerner, Gerda: 207
 Lerner, Isaias: 61, 63
 Levi, Peter: 163
 Levi, Primo: 319, 321, 322, 327, 330, 332
 Lévi-Strauss, Claude: 197, 198
 Liddell, Alice: 153, 155
 Lívio, Tito: 90
 Lombardo, Marco: 343-4, 347
 Lombardo, Pedro: 348
 Lopez, Barry: 221
 Lucas, São: 188, 210, 246, 269, 270, 295, 299
 Lúcifer: 131, 191, 192, 264, 280, 283, 285

MABINOGION, THE: 247
 Madalena, Maria: 106
 Madoff, Bernard: 268
 Magão: 174
 Magno, Alberto: 32
 Maimónides, Moisés: 104, 107-8, 118-9
 Malaspina, Moroello: 24
 Malot, Hector: 199
 Malraux, André: 303
 Mandela, Nelson: 345-6, 348
 Mandelstam, Osip: 14, 154
 Manetti, Antonio: 191-3
Manfredo (A Divina Comédia): 209, 244-8, 250-5, 261, 303
 Manrique, Jorge: 266
 Manúcio, Aldo: 12
 Manúcio, o Jovem: 12
 Martello, Carlo: 224
Martín Fierro (J. Hernández): 161, 163-5

Marx, Karl: 65
 Masih ad-Dajjal: 307
 Mateus, São: 57
 Mazzotta, Giuseppe: 14
 Medici, Lorenzo de': 191
 Meier, Melchior: 127
 Melville, Herman: 155
 Méricourt, Théroigne de: 216
Metamorfoses (Ovídio): 30
 Meung, Jean de: 247
 Michelet, Jules: 215-6
Mil e Uma Noites, As: 14, 80, 134
 Millais, John Everett: 271
 Milton, John: 168, 187
 Mishima, Yukio: 304, 383
 Mixna: 103, 108, 112, 363
 Moisés: 86, 108, 116, 150, 325-6, 329, 332
 Montaigne, Michel de: 10-1, 14, 16-7, 76
 Montesquieu: 92
 Montfaucon de Villars, abade: 90
 Mouisset, Anne-Olympe: 213
 Mundaneum: 291, 292, 293, 294

NABOKOV, VLADIMIR: 282
 Napier, John: 309-10
 Narciso: 149, 159
 Nardi, Bruno: 35, 338
 Needham, Joseph: 249
 Nefilim: 126
 Nemrod: 101, 127-8, 130-1, 137, 192, 347
 Neruda, Pablo: 221
 Newton, Isaac: 35

ODISSEIA (HOMERO): 24, 47, 49, 59, 194, 205, 219
 Odisseu (ver Ulisses): 46
 Office International de Bibliographie: 290-1, 294
Oliver Twist (C. Dickens): 219
 Oppenheimer, J. Robert: 250-4
 Ossola, Carlo: 56

Otlet, Paul: 289-94
 Ouaknin, Marc-Alain: 114
 Ovídio: 26, 30, 197

PANDORA: 51-3, 58, 207
 Pânini: 136, 138
 Paolo, Giovanni di: 83
 Paracelso: 91
 Patanjali: 136
 Patmos, João de: 304, 309, 340
 Pauli, Johannes: 231
 Paulo, São: 30, 341-2, 349
 Pedro o Venerável: 326
 Pedro, São: 30, 65-6, 192, 224, 231, 245, 342
Pequena Dorrit, A (C. Dickens): 267
 Péricles: 73-4, 77
 Perón, Juan: 260
 Persico, Nicolã: 90
 Persky, Stan: 295, 300
 Pétain, marechal: 293
 Petrarca: 29, 300
 Phantasia: 122
 Piccarda: 209-10, 281
Pinóquio: 348
 Pistóia, Cino da: 29
 Pitágoras: 31, 174
 Platão: 67-8, 71-4, 76, 86, 100, 106, 147, 150, 203-4, 326
 Plínio, o Velho: 174
 Plutão: 128, 264
 Plutarco: 71
 Poe, Edgar Allan: 122, 313
 Polenta, Guido Novelo da: 28
 Polidoro: 169
 Pompignan, marquês Le Franc de: 213-4
 Porfírio: 174
 Portinari, Beatriz: 232
 Pozzo, Cassiano dal: 288
 Prato, Felice da: 113
 Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA): 176

Protágoras: 74
 Proust, Marcel: 14, 250-1, 254
 Psamético: 129
 Ptolemeu: 190

QUESTIO DE AQUA ET TERRA (Dante): 30-31

RABELAIS, FRANÇOIS: 68-70
 Ramelli, Agostino: 55
 Rashi: 112, 114
 Reeves, James: 145
 Reforma Escocesa: 310
 Reis Magos: 57
República, A (Platão): 73, 203, 204, 218
 Revolução Francesa: 211, 240
 Rifkind, Sir Malcolm: 345
 Rilke, Rainer Maria: 111, 130
 Rimbaud, Arthur: 151, 319
 Robespierre, Maximilien de: 211
 Rojas, Fernando de: 223
 Roland, Madame: 215
 Roma: 27, 48, 51, 87, 105, 110, 148, 173-4, 192, 196, 231, 236, 244, 288, 292, 313, 315, 326, 333, 347
 Roma, Immanuel de: 110
 Romano, Yehuda: 110
 Roszak, Theodore: 177
 Rousseau, Jean-Jacques: 41, 43, 211
 Ruggiero, cardeal: 224, 303
 Ruskin, John: 168, 172, 177

SACCHETTI, FRANCO: 229
 Sacks, Oliver: 12-30
 Saint-Étienne, Jean-Paul Rabaut: 212
 Salgado, Sebastião: 272-4
 Salih, Tayeb: 355
 Salmos: 324
 Salutati, Coluccio: 29
 Samósata, Luciano de: 68, 72
 Sansevero, Raimondo di Sangro: 90-4, 108
 Sarmiento, Domingo Faustino: 164

Scala, Alboino della: 27
 Scala, Bartolomeo della: 27
 Scala, Cangrande della: 26, 28-9, 226, 232, 262, 340
 Scholem, Gershom: 337
 Schwebel, Leah: 48
Season of Migration to the North (Tayeb Salih): 182
 Sedakova, Olga: 15, 170, 172
Segunda Carta aos Coríntios (São Paulo): 30
 Séneca: 40, 57, 300, 314
 Senefelder, Alois: 90
 Shakespeare, William: 14, 45, 47, 149, 170, 261
 Shass Pollak: 117, 365
 Shelley, Percy Bysshe: 81, 348
 Siemes, padre: 254
 Siena, Gerardo de: 266
 Sieyès, abade: 212
 Silesius, Angelus: 325
 Sínon: 39
 Sócrates: 24, 49, 67, 71-6, 147, 203-4, 217-8
 Sófocles: 205
 Steiner, George: 76
 Stein, Gertrude: 9
 Stephen Dedalus (James Joyce): 181
 Stephenson, Craig: 146
 Stevenson, Robert Louis: 52-3
 Stone, I.F.: 71
 Stroessner, Alfredo: 317
Summa Theologica (São Tomás de Aquino): 32, 100
 Sutherland, Donald: 9
 Swenson, May: 298

TALMUDE: 16, 102-3, 107, 111-8, 305
 Tasso, Torquato: 47
 Tennyson, Lord Alfred: 46, 53
 Teócrito: 163
 Teodoro, São: 118
 Tertuliano: 52

- Thatcher, Margaret: 345
 Tibbets, Paul: 253
 Timóteo: 263
 Toland, John: 90
Tora: 102-4, 107-1, 113, 116, 118, 328
 Toscana: 27, 226, 231
 Toscanella, Orazio: 55-6
 Tradescant, John (pai e filho): 286
 Trasímaco: 204-5
Tratado da Natureza Humana (David Hume): 35-6, 344
Très Riches Heures du Duc de Berry: 271
 Tróia: 39, 45, 48-9, 169, 229, 328, 343
Troilo e Créssida (W. Shakespaere): 45, 261
 Tsevetavaeva, Marina: 98
 Turânio, Sexto: 300

 Ugolino, conde: 224, 303
 Ulisses: 30, 45-9, 52-60, 74, 76, 186, 194, 218-9, 320-1, 323-4, 327, 329, 331, 337, 347
Um Cântico de Natal (C. Dickens): 267
 Upanishads: 135

 VALLA, LORENZO
 Valmiki: 125
 Varrão, Marco Terêncio: 174, 206
 Vedas: 135-6
 Vellutello, Alessandro: 191-2
 Veltwyck, Gerard: 113
 Veneza: 25, 28, 56, 98, 106-7, 110-9, 232, 250, 270, 316, 343
Vida de Adão e Eva, A (Evangéhos Apócrifos): 81
 Videla, Jorge Rafael: 240
 Vigna, Pier della: 169, 170
 Villani, Giovanni: 261

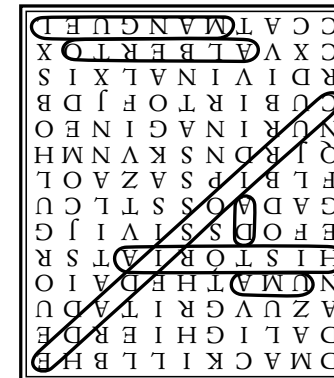
 Virgílio: 9, 17-8, 21, 24, 30, 35-6, 38-9, 43, 46, 48, 57, 63, 65, 79, 83-4, 97, 99-100, 104-5, 121, 125-6, 128, 130-1, 141, 145-6, 148-9, 160, 163, 167-69, 173-5, 178, 181, 186-8, 196-7, 221, 223, 226, 228-9, 231, 236-7, 239, 243-4, 247, 250, 261-5, 277, 279-80, 294, 300, 303-4, 319, 323, 326-7, 330-1, 337-41, 343
Vitae Patrum: 30
Vita nuova (Dante): 29-31
 Vitorino: 309-10
 Vítor, Ricardo de São: 30
 Volkov, Solomon: 98
 Voragine, Jacobus de: 30

 WALCOTT, DEREK: 47, 181
 Webb, Jeremy: 313-4
 Weil, Simone: 63
 Weissmuller, Johnny: 134
 Whitman, Walt: 279
 Wilde, Oscar: 159, 274
 Williams, Charles: 371
 Woolf, Virginia: 205, 219
 Wunderkammer: 287

 XENOFONTE: 71-2, 361

 YA'AKOV BEN ASHER: 112
 Yi Jing (I-Tsing): 135
 Yitzhaki, rabino Shlomo (ver Rashi): 112
 Yitzhak, rabino Levi: 107
 Yoseph, Akiva ben: 112

 ZÉFIRO, VENTO DO OESTE: 59
 Zenão: 106
 Zend-Avesta: 305



foi composto em caracteres Hoefler Text, e impresso em papel Coral Book de 80 g, pela Guide, Artes Gráficas, numa tiragem de 2000 exemplares, no mês de Setembro de 2015.

